

Egreja do convento de Bussaco — Desenho de Christino — Gravura de Pedroso

Estavam ainda virgens, do lapis e do pincel, as paizagens e mattas do Bussaco, tão celebradas já nas lyras dós nossos poetas. Foi o talento e arte do sr. Christino, o empenho e desvelo do *Archivo*, que entrando por aquellas devesas, as divulgou pela estampa.

É esta a terceira vista [1] do Bussaco, desenhada do natural por aquelle habilissimo professor da nossa academia de bellas-artes.

Representa a egreja do antigo convento, cuja descripção tomaremos da chronica da ordem, d'onde já tirámos as origens da fundação, e outras noticias d'este afamado eremiterio carmelitano.

Quando publicámos a estampa da entrada do convento, acompanhámol-a da exposição dos sitios que se atravessavam até entrar na portaria. Seguil-a-hemos agora até á egreja que representa a gravura, obra esmerada do sr. Pedroso.

«É a portaria sobremaneira funebre, porque, além de eremitica, fica de todo escura, menos que aberta a pórta a visite a luz, ou lh'a participem os limitados reflexos de uma lampada, communicados pelas grades da tribuna alli contigua. No altar d'esta capella, feita de abobada de berço, se adora a santa imagem do *Ecce Homo*. Serve para os sacrificios do sacerdote de cujo cargo é a porta, signaladamente nos dias festivos, para desobrigar do preceito da missa aos servos do convento, sem o prejuizo de passarem a turbar a quietação do interior. Diz uma pedra embutida na parede, quem, e com que obrigações a mandou edificar.

Entra-se da portaria ao claustro por um arco humilde, ao qual na parede fronteira corresponde outro mais levantado, cujo vão occupa a cruz do Salvador, acompanhada dos instrumentos todos de sua paixão. Consiste o claustro, organisado de quatro angulos, em um perfeito quadro de cento e oito pés de comprido em cada um dos lanços, onze de largo e treze de alto, até onde começa o verso do madeiramento. O pavimento é todo de lagedo de cantaria; o tecto forrado de grossas cascas de sôbro entresachadas nas cortiças, virgens umas e outras de segundo córte, variedade que no singelo do artefacto induz uma sincera

[1] A primeira e a segunda estão a pag. 25 e 201 do vol. antecedente.

formusura. Comprehende a parede exterior do claustro as cellas dos ermitães, não entre si continuadas á maneira dos mais conventos, mas separadas, de fórma que entre uma e outra medêa um estreito corredor. Contém este a um lado a porta do cubiculo, e na frontaria a do jardim, sobre o qual a cella do ermitão lança a janella.

Gozam quasi todos os conventuaes d'estes domesticos prados, para honesta occupação do tempo livre das tarefas communs, e obrigações ou supererogações particulares, a fim de que o inimigo do genero humano os ache sempre, na milicia da vida, de sentinella, com as armas do trabalho nas mãos. São providos de aguas e cercados de altos muros, por servirem de clausura ao mosteiro. Convidam os olhos a uma honesta recreação os vistosos labyrinthos que n'elles formam os canteiros de murtas, tomilhos e manjeronas; as latadas de folhados, caracoes, jasmins e celindas; as parreiras de vides, limoeiros, e muitas outras plantas e flores, que a religiosa cultura dedica nas sacras aras ao Creador.

A parede interior do claustro (entre quatro abreviados quadros ou claustros menores, que ao grande communicam as luzes por janellas rasgadas, e não poucas fragrancias das larangeiras que seus vãos occupam) inclue a egreja do mosteiro, do estilo ordinario das mais da ordem, á feição de cruz. Offerece em cada um dos braços uma liberal entrada; mas de tal sorte, que antes de se entrar no templo, occulta ao lado de cada porta uma capella fechada sobre si. Chama-se, a da parte do evangelho, de Nossa Senhora do Leite, pela Virgem Sacratissima estar dando o peito ao menino Deus, do qual se diverte para abraçar-se com uma cruz que S. José lhe offerece. A da parte da epistola é dos santos Reis Magos, ambas de abobadas coroadas, as quaes dizem nos retabulos dos altares quaes sejam os oragos de suas invocações. Entrado o cruzeiro se descobrem os altares collateraes, um da serafica Theresa, escrevendo como doutora mystica celestes doutrinas; outra de seu prezado devoto S. José, com a doutrina do ceo e sabedoria de Deus nos braços. Correspondem-lhe fronteiras duas casas: uma de sacristia, menos alegre, que pobre; outra de varias alfaias para o serviço do templo. Nenhuma enthesoura nem um fio de seda, mas ambas muitos thesouros de aceio, porque d'aquella as desvia a constituição, e a razão as obriga a este. Divisa-se no logar da tribuna da capella-mór, exaltada a nobilissima arvore da Santa Cruz, illustre orago da casa, e d'ella pendente o melhor fructo da vida, Christo crucificado, acompanhado da Virgem mãe, e do discipulo virgem, como em dolorosa competencia do mavioso espectaculo. Pela prohibição e impropriedade de obras doiradas, em sitio alheio de preciosos adornos, não cançaram os retabulos as minas, mas vasados em nichos de reliquias inestimaveis, são de maior veneração que valor. No interior do sacrario é licito todo o ornato; e os sagrados vasos, deputados para o sacrificio da missa, ou pertencentes á sacrosanta hostia, não rejeitam o metal do maior valor.

A architectura do templo consiste em fachas, arcos, e cornijas de pedraria quasi preta, trabalhada á escoda, gracioso esmalte das brancas abobadas e paredes. Carece a egreja de porta principal, cujo logar occupa a mesa travêssa do côro, lançado no pavimento da mesma egreja, o qual aos religiosos serve de cemiterio, na realidade aos mortos, na consideração aos vivos. Divide-se o côro do corpo do templo com umas grades de porta por cada um dos lados, no meio das quaes assenta um altar de Nossa Senhora do Carmo, elevada sobre um throno de jacarandá. No vão da ara, coberto com frontal, se encerra um curioso arremedo do Oriente do melhor sol, com a representação, mui propria, de quanto succedeu na adoração de Deus menino no presepio de Belem. Competem os sacerdotes entre si em repetirem n'este altar o sacrificio incruento da hostia divina, a respeito da particular devoção da soberana Virgem, que na edade de poucos annos representa uma tal graça, que parece causal-a nas almas devotas, como se foram raios de amor divino os resplandores de sua peregrina formosura. Querem-se os devotos persuadir que bebem alli os corações pelos olhos algumas occultas qualidades de affeição á santa imagem, e o certo vem a ser, que é um visivel penhor dos favores que todos alli esperam da mãe de Deus, e tem alcançado não poucos de nossos ermitães.

Pelas costas da capella-mór se levanta o campanario dos sinos, egualmente sonoros e saudosos, acompanhados de um acertado relogio da mais fina tempera, do irmão Francisco de Jesus, official insigne de similhantes artefactos. Lança a mão por entre o arco da capella-mór e zimborio, ou meia laranja, para certo mostrador das horas, que nas canonicas, de oração mental, e outros exercicios de côro, se devem pontualmente empregar. Anda tão regular e miudo, que além de disparar meios quartos, ainda no meio de seus minutos faz outro signal competentemente perceptivel.

Nasce d'esta a grande machina de um despertador, que aos tres quartos para a meia noite desanda no sino com outros tantos malhos de ferro, do qual resulta um estrepito capaz de acordar não só aos conventuaes do mosteiro, mas tambem aos eremitas solitarios, para que, á imitação do rei cantor, se levantem áquellas horas a recitar os seus psalmos, em obsequio e louvor de Deus.

Pela porta da egreja que corre para o nascente, vae o lanço do claustro parar no ante-refeitorio, casa por si grande, e maior por outra que encerra á mão direita; breve na extensão, mas sufficiente para conter quantos instrumentos de penitencia soube alli inventar o espirito de affligir a carne, em odio santo de suas desordens, ou sagrada ambição dos merecimentos da mortificação corporal, como declara o titulo gravado sobre a entrada: *Arma militiæ nostræ.* Revestidos de taes insignias, entram os religiosos repetidas vezes no refeitorio a comer no chão, confessar publicamente os seus defeitos, e fazer outras penitentes ceremonias.

Os altos do refeitorio, com parte do serviço da mesa, são de cortiças, estas lavradas, impolidas aquellas. Levanta-se no meio da casa uma cruz encortiçada, firmada n'um calvario de tres degraus da mesma materia, á qual no fim da comida sobem os religiosos, voluntaria e quotidianamente, a crucificar-se, effectivo martyrio a que se expõem, e do qual cessam segundo o arbitrio do prelado.

Despede a porta do refeitorio por ambos os lados um dilatado corredor, que cingindo as costas do convento, abraça as officinas todas, providas á discrição de fontes das aguas convenientes para a sua limpeza e serventia.

No fim d'este corredor, para o poente, nascem dois pequenos dormitorios que vão fechar no claustro, tudo com artificiosa proporção, sem descida nem subida alguma em todo o mosteiro. Finda-se este lanço do claustro na casa da livraria, povoada de bastantes volumes de varias faculdades, graciosa doação do illustrissimo bispo conde D. Joanne Mendes de Tavora, á medida da sua grandeza e piedade. Corresponde a esta casa, no fim do angulo do norte, uma hospedaria, com porta para o mesmo claustro. Consta de um quarto de quatro aposentos, uma sala com sua alcova, e uma roupparia provida de alfaias de cama e mesa para os hospedes, que não entram no refeitorio da communidade. Assiste o convento a todos com maior

caridade que regalo ou grandeza, mas nem com tanta limitação, que na frequencia não seja consideravel o dispendio.

Estende-se outra parte do convento, para o meio-dia, em largos taboleiros, uma grande horta, precisa para o sustento dos ermitães. Goza de bastantes aguas, terreno fertil, e muros altos, para resistencia dos bichos creados na serra, damninhos ás hortaliças e sementeiras.»

Até aqui chega a minuciosa descripção que da egreja e convento do Bussaco faz o seu chronista.

Reproduzimol-a para que se veja o que foi, e se confronte com o que hoje é! Apesar dos cuidados que tem posto para que este monumento se não arruine completamente, o nosso bom amigo, e invencivel propugnador dos melhoramentos agricolas, o sr. dr. R. de Moraes Soares, vê-se que o Bussaco padeceu horrorosa devastação.

Por que se não deixa, se convém, estabelecer alli a eschola florestal, como propoz o sr. Deslandes no relatorio dirigido ao ministro das Obras-Publicas em 1858?

Parecem-nos attendiveis as ponderações em que elle assenta esta proposta. Vamos transcrevel-as, para despertar a attenção do governo e do parlamento sobre este assumpto.

No cap. que tem por titulo: *Eschola florestal. Projecto de organisação d'este instituto especial em Portugal*, a pag. 235, diz o sr. Deslandes:

Sitio para levantar um tal instituto não me atrevo a propol-o, affoitamente, n'estes alvitres, que julguei dever publico inserir no presente relatorio. Lembrará por ventura naturalmente o pinhal de Leiria. Mas o local bem disposto, sem duvida, para tal fim, tem o inconveniente de não offerecer mais do que pouquissimas essencias florestaes. Ha em Portugal um sitio ainda hoje celebrado pelas recordações dos seus ascetas, famigerado pela magnificencia da sua opulenta vegetação, romagem obrigada de viajantes e curiosos, deliciosa estancia, que egualmente convida os contemplativos da sciencia mystica ás meditações e aos exercicios da vida cenobitica, e os cultores da sciencia da natureza aos estudos e trabalhos da vida intellectual. É o Bussaco. A natureza, multiplicando alli as suas mais soberbas magnificencias, parece haver talhado aquella paragem para que alli lhe levantem um dos seus templos, que são as escholas aonde se exercitam os cultos da sua religião. O arvoredo é basto e variado. Erguem-se alli os cedros famosos, e alçam as comas os frondosos carvalhos, os sobreiros e os castanheiros centenarios. É a matta assaz extensa e bem povoada, para offerecer ao ensino bons modelos e assumptos curiosos de exemplificação.

Mas não existe alli edificio apropriado para a escola; não permitte a exploração que se realisem no seu seio as applicações technologicas, que aproveitam os productos secundarios das riquezas florestaes. Na Marinha Grande não ha egualmente casa, nem officinas para a eschola, mas existe o fabrico dos productos accessorios, e ha em principio um estabelecimento de serração mechanica.

A comparação das duas localidades, ambas ellas, como estão actualmente, improprias de certo para sitio de uma escola, decide em favor do Bussaco. Na Marinha Grande ha officinas technologicas, mas não ha edificio para eschola nem variedade de essencias florestaes. No Bussaco ha multiplicidade de especies de arvoredo, mas não ha officinas nem casa apropriada para um estabelecimento de instrucção. Accresce ainda uma razão fundamental em favor da matta do Bussaco. Uma eschola florestal deve ter na sua proximidade uma floresta, immediatamente ligada com o ensino, cujo chefe seja o director ou um dos professores d'aquella instituição. A matta do Bussaco, ficando annexa á escola florestal, poderá prestar ao ensino valiosos subsidios, que o pinhal de Leiria, independente da eschola, não poderá tão vantajosamente ministrar. Os professores e os alumnos poderão apenas assistir como espectadores a trabalhos dirigidos por um chefe alheio á escola, e emprehendidos e executados sem nenhuma subordinação aos planos e aos interesses directos do ensino florestal. Ora o pinhal de Leiria é extremamente consideravel, para que se possa jámais considerar como um accessorio da escola, e ter por director algum dos membros do corpo professoral.

O Bussaco parece reunir todas as condições de um bom terreno, para que n'elle germine e fructifique esta semente de ensino que alli se haja de lançar um dia. Bons ares, deliciosos horisontes, variedade de arvoredo, solidão e remanso accommodado a aturados trabalhos intellectuaes, sitio agreste e proprio de quem ao depois, na carreira pratica da vida, terá de levar boa parte d'ella pela espessura das florestas, e provar rigores e intemperies no desempenho da sua ardua e laboriosa profissão, tudo conspira a apontar o Bussaco aos fundadores da eschola florestal na nossa terra. É a matta ao mesmo tempo paizagem e monumento, riqueza apreciavel e saudosa recordação, utilidade positiva do presente e deliciosa poesia de passadas instituições. Fundar alli estabelecimento pratico e fructuoso para a vida social, é salvar da devastação aquellas ruinas venerandas, que solicitam instantemente mais cuidadosa guarda e conservação.

Vem a matta do Bussaco descripta no orçamento do estado no quadro das florestas nacionaes. Paga o thesouro a um capellão que cuide no sanctuario, e perpetue a tradição do culto religioso em que d'aquellas serranias se elevava para Deus a prece dos cenobitas. Mas não ha quem continue ao mesmo tempo a tradição florestal d'aquella sitio abençoado. Erigida a escola n'aquelle ermo delicioso, a matta acharia nas praticas do ensino os desvelos que reclama dos homens especiaes, e o piedoso sanctuario, ao lado do estabelecimento scientifico, realisaria esta mystica alliança de Deus e da natureza, da religião e da sciencia, este poderoso dualismo, que tem em todos os tempos repartido entre si o mundo moral — o professor e o sacerdote.

Ha ainda outra razão que pleiteia em favor do Bussaco como solar do ensino florestal. Distam d'alli poucas legoas as mattas do Mondego, aonde alumnos e professores poderão encaminhar as suas excursões, para exemplificarem a cultura e exploração, não sómente das coniferas, mas tambem das arvores folhosas, de que são aquelles bosques abundantes.

CASTRO DE AVELÃS

Quando démos a estampa do Couto de Ervededo [1], explicámos a origem da denominação de *couto*, que ainda conservam muitos logares do reino de Portugal. Agora faremos outro tanto a respeito da palavra *castro*, que egualmente conservam algumas povoações nossas.

O auctor do *Elucidario das palavras, termos e phrases que em Portugal antigamente se usaram*, diz:

Castro ou *crasto* tem-se equivocado com *castello*, que é, como *castrello*, diminutivo de *castrum*. Porém na architectura militar antiga houve n'estas palavras não pouca differença. Aos arraiaes de todo o exercito, com suas quatro portas, cada uma em seu lado, cercados de fosso e vallado, se chamou *crasta*. A um pequeno arraial, só para uma legião ou brigada, deram o nome de *castrum*. Ora estes pequenos arraiaes, quanto menos fornecidos de gente e armas, tanto mais

[1] A pag. 33 d'este volume.

se procuravam pôr em logares desabafados, eminentes, e guarnecidos por natureza, quando não fosse por arte, e a estes chamaram *castrellos* ou *crestellos*. Alguns d'estes se povoaram, e ficaram conservando a povoação, para ser defensavel, e servir mesmo de *atalaya*, *cidadella* e *guarda* ás campinas e logares chãos e abertos ás correrias dos inimigos.

O dr. João da Cunha Neves e Carvalho, porém, é de contraria opinião. Tratando de investigar pessoalmente o que eram os *castros* na provincia de Traz-os-Montes, diz terminantemente, que elles não podiam ter sido o que indica este nome, e que o dizer-se que eram reductos ou fortins levantados pelos christãos para se defenderem das correrias moiriscas, não era mais que uma explicação do povo, que attribue aos moiros, ou ao tempo dos moiros, todos os monumentos e construcções antigas a que não sabe origem.

Observou elle que os chamados *castros*, em Traz-os-Montes, são umas elevações circulares formadas de terra, e pela maior parte circundadas de grossas lages, se o terreno as fornece, e n'outros de um pequeno vallado ou parapeito de terra, em toda a circumferencia. Não lhes descobriu fossos nem outro algum indicio de obra militar. A sua altura commummente, é de um metro. O recinto d'estes *castros* poderia conter duzentas a trezentas pessoas, quando muito.

Suppõe este escriptor que taes monumentos eram templos dos celtas, fundando-se para isso no testimunho do moderno auctor da *Historia da Galliza*, o qual é d'este mesmo sentir.

E com effeito, pela confrontação dos *castros* espalhados pela Galliza, com os que ainda existem no alto da provincia de Traz-os-Montes, vê-se que são eguaes.

Todavia, qualquer que seja a origem dos *castros*, ou *crastos*, como d'antes se escrevia, é certo que n'estes sitios se levantaram algumas povoações d'aquella provincia.

Um d'elles é o logar de Castro de Avelãs, no termo de Bragança, que a nossa estampa representa.

As ruinas que ella mostra, são de um antigo mosteiro de benedictinos, fabrica sumptuosa, cujas memorias apenas existem n'um arco que está á entrada do logar, e mostra ter sido o da portaria.

Conserva-se ainda de pé uma torre das duas que tinha a egreja, toda de cantaria e altura de 62 metros. Em uma pedra de marmore, que serve de credencia, está um letreiro que diz: *Deo æterno ordo zelatur ex voto*. E no frontispicio, outro assim: *D. Diogo Pinheiro, bispo do Funchal, administrador d'este convento, mandou fazer esta obra.*

Na egreja parochial, que tem por orago S. Bento, ha um sepulchro de cantaria em que está enterrado o conde Arias Annes, segundo denuncia o epitaphio, que posto já muito apagado, ainda se lê que o conde morrêra na era de 1300.

Ausentando-se os frades d'este seu convento, por motivos que se ignoram, el-rei D. João III, mandando erigir a sé de Miranda, lhe aggregou as rendas e bens que elle possuia, no que os monges convieram, com a condição, que todos os dias se fizesse na dita sé commemoração do seu patriarcha S. Bento.

Este desenho pertence á collecção de monumentos e paizagens da provincia de Traz-os-Montes, com que nos presenteou o sr. A. Lopes Mendes, por elle mesmo esboçados.

É regra geral, que quem quer muito a si, ou para si, quer pouco aos outros, ou para os outros.

Conforme a vontade quer assim acha. Se a vontade quer favorecer, acha merecimento em Judas; se a vontade quer condemnar, achará culpas em Christo!

PADRE ANTONIO VIEIRA.

OS QUATORZE DIAS FELIZES DE ABDERAMAN

(TRADUCÇÃO DE RODRIGO PAGANINO)

(Conclusão. Vid. pag. 74)

VI

O POETA DESCONHECIDO

Não. A felicidade não consiste n'uma reputação vã.

Era um dia. A assembléa dos legisladores e dos poetas devia conceder a coroa do genio ao auctor da obra mais perfeita que se tivesse escripto no anno precedente. Um carro puxado por doze cavallos brancos esperava pelo triumphador para o levar pelas ruas da cidade.

Que fazia Abderaman, o grande califa, em quanto cada um dos concorrentes se attribuia, pela esperança, o premio que negava aos seus rivaes?

Inquieto pela sorte do seu poema, pois que, clandestinamente, o califa concorrêra tambem, fôra consultar um velho dervis tão cheio de modestia, como de discrição e de saber. Quando o velho ouviu os versos do califa exclamou: — É teu o premio, livra-te porém de te dares a conhecer. Goza-se em dobro da gloria que a inveja nos não disputa. Se deixares proclamar o teu nome, dirão logo que o poema laureado foi obra imperfeita de um homem. Livra o teu nome do ciume, e talvez digam então, que é obra de algum Deus.

Abderaman não se apresentou quando clamaram pelo vencedor; foi mais ditoso ainda, ao ver no carro triumphal passar a estatua velada, ante a qual iam dois arautos bradando á turba, que se inclinava respeitosa: Gloria immortal ao grande poeta desconhecido!

— Eis-me quasi a meio da minha obra, disse Mansu quando acabou de cantar a sexta copla, e poisou os remos por algum tempo para limpar o suor que lhe corria da testa. Tendes alguma coisa que me dizer? — acrescentou estendendo a mão.

— Dê certo que sim, replicou Al-Hakkan, tenho a recommendar-te, para fixares bem na memoria, que o thesoureiro do califa deve-te agora trinta e duas moedas de oiro.

— Indo sempre a dobrar, é a conta exactamente; mas quem ha de determinar ao thesoureiro, que me pague tão caro uma trova que não me custava a cantar de graça?

— Quem? — repetiu o califa levantando-se e indo apertar commovido a mão do barqueiro, eu mesmo, eu que te aperto n'este momento a mão, e que devo ser obedecido, porque sou senhor d'elle e teu.

A estas palavras Mansu quiz arrojar-se aos pés do califa, mas este convidou-o a que voltasse para o seu logar, empunhasse de novo os remos, e continuasse a cantar. Entretanto, porém, para lhe dar tempo a socegar da surpreza, Al-Hakkan assentou nas tabulas: Levantar um templo ao talento desconhecido. Erguer-se-hão ahi todos os dias supplicas ao ceo pela memoria de meu pae.

Quando acabou de escrever, voltou-se para Mansu, que dava comêço á septima copla.

VII

OS SACCOS DE TERRA

Não. A felicidade não consiste na prepotencia.

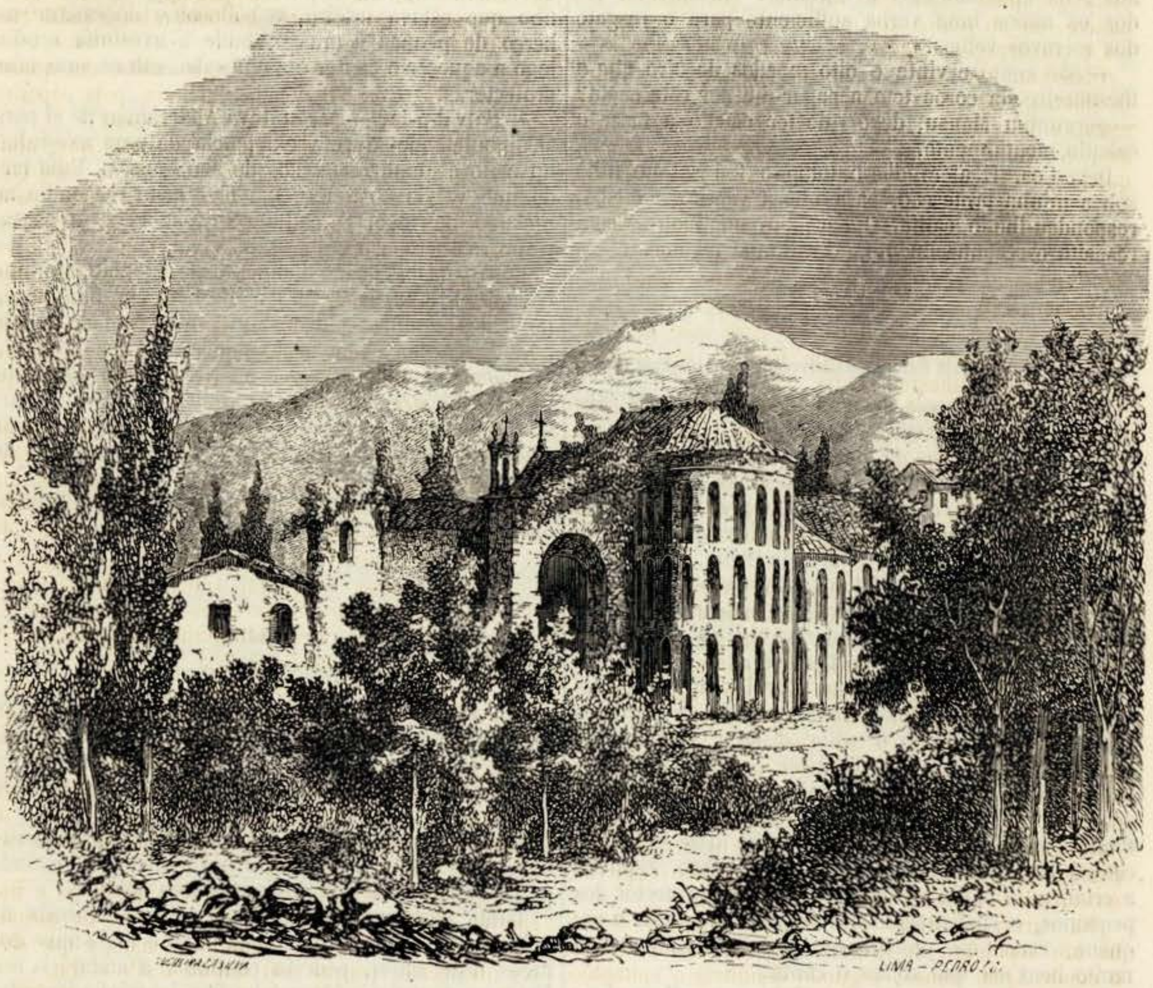
Era um dia. Iam assentar a primeira pedra de uma columna gigantesca elevada á gloria de Abderaman. Para fazer praça ao monumento, fôra preciso arrasar umas vinte choupânas habitadas por pobres artistas, e os que assim viam cair o tecto paterno procuravam ainda um abrigo.

— Que fazia então Abderaman, o grande califa, em quanto os escravos descançavam a seus pés o coche de prata massiça, onde vinha o cimento; e o seu visir lhe apresentava a colhér de oiro fino com punho de agatha oriental?

Via com gesto de admiração caminharem direitos a elle vinte machos cada um d'elles carregado com um sacco. Vinte camponezes os guiavam, com os pés descalços e de corda ao pescoço. Á frente via-se um velho empunhando a varinha doirada, insignia respeitavel do chefe da justiça.

— Principe, disse elle ao califa, a terra em que vaes edificar pertencia a estes desgraçados. Para que te pese menos na consciencia, permitte que todos os dias possam encher os seus saccos. O peso da tua usurpação ficará tanto mais alliviado, quanto mais elles levarem. Abderaman, deixando cair a trolha, decidiu que a columna se não levantaria. E um dos dias felizes da sua vida, foi aquelle em que recolheu nas vinte habitações solidamente assentes no territorio por momentos usurpado, os pobres que tinham sido despojados das cabanas destruidas em nome do califa.

Pela setima vez Mansu parou por um momento. Al-Hakkan, que não depozera ainda o seu livro de lembranças escreveu: «Renunciar ao plano de augmentar o meu palacio de Zehra, restituir as habitações



Castro de Avelãs — Desenho de Nogueira da Silva, segundo um esboço de Lopes Mendes — Pag. 82

aos arroteadores da floresta, que os meus officiaes expulsaram de casa.» E quando acabou de escrever, dirigiu-se ao barqueiro, e disse-lhe: Quantas moedas de oiro te devo por esta copla?

— Pela minha conta, nenhuma, senhor; mas pela vossa sessenta e quatro; nem mais nem menos.

— Continúa, disse o califa, mas lembra-te de que o thesoureiro de teu senhor te deve mais sessenta e quatro moedas de oiro.

Mansu persuadiu-se que estava sonhando; todavia continúou a cantar. Abu-Hanifé ia dormindo.

VIII

O ESCRAVO

Não. A felicidade não consiste na preguiça.

Era um dia. O calor de abrasar obrigára todos a correrem as cortinas das janellas, para livrarem o interior das habitações do fogo abrasador do sol. Fóra das casas, a terra calcinada queimava os pés aos animaes erradios. As fontes tinham seccado.

Que fazia Abderaman, o grande califa, quando os poderosos do imperio adormeciam, resguardados por sumptuosos reposteiros, e á sombra de tectos de marmore; e quando mesmo os pobres que mais padecem de frio ás noites, pediam debalde frescura e sombra ao dia?

Colhido pelo calor, no seu passeio da manhã, demandava um abrigo, quando percebeu, na planicie, um escravo que abria uma cova.

— Suspende, disse-lhe o califa, de tarde acabarás o teu trabalho.

— O meu trabalho já eu acabei, respondeu-lhe elle, agora quero ver se acabo a tarefa de meu pae, porque lhe baterão se percebem que já não tem forças.

Estava proxima outra pá. Abderaman travou d'ella,

e junto com o escravo, trabalhou na cova com tanto ardor, que duas horas depois estava a obra concluida.

— Obrigado, irmão, disse o escravo, conceda-te Deus filhos que se pareçam comtigo.

— Deus conceda a liberdade a teu pae, redarguiu o califa.

N'essa tarde, um official saía do palacio do califa para ir resgatar, em nome de Abderaman, o velho escravo e seu filho.

Eis-aqui, disse Mansu, a oitava copla, que até hoje não tinha cantado, porque não encontrára ouvinte tão attento que estivesse acordado até meio da trova de Adjaïd.

Al-Hakkan não ouviu o barqueiro; estava juntando aos seus apontamentos o seguinte: «Estabelecer todos os annos uma verba sufficiente para o resgate dos escravos velhos.»

— São cento e vinte e oito moedas de oiro que o thesoureiro da coroa tem a pagar-me por esta copla? — perguntou Mansu, depois de ter estado a fazer o calculo mentalmente.

Deve-t'os. E além d'isso tomo o teu setimo filho sob a minha protecção, para o fazer venturoso e rico, respondeu-lhe o califa. O barqueiro inclinou-se com respeito e reconhecimento. Abu-Hanifé resonava.

IX

A CRIANÇA

Não. A felicidade não consiste em inspirar temor.

Era um dia. Depois de uma brilhante victoria, Abderaman e o seu exercito recolhiam a Cordova, para descançar das fadigas da guerra nas pompas do triumpho. Um arco de flores se levantava ás portas da cidade, e era com a fronte rojando pelo chão que o povo devia saudar o regresso do soberano.

Que fazia Abderaman, o grande califa, em quanto a multidão exclamava, Allah! ao ver desfilar as tropas vestindo brilhantes pelliças, e ondearem os pennachos fluctuantes dos commandantes do exercito.?

Disfarçado com um trajo bem simples de cavalleiro, estava a cavallo detraz das alas dos curiosos, sustendo diante de si uma criança que desejava ver os soldados. — «Não vejo o califa, disse a criança, procurando o sitio onde devia deter os olhos, deslumbrados com os esplendidos uniformes que passavam deante de si. — Procuras além o califa, disse-lhe este, e talvez elle esteja bem perto de ti. Se fosse eu, acrescentou elle, admirar-te-hias muito? — Não, replicou a criança; o califa é, segundo dizem, o protector dos pequenos, o sustentaculo dos fracos; sou fraca e pequena, estaes-me protegendo, por conseguinte póde muito bem ser que sejaes o califa.

Com o coração commovido, Abderaman olhou cheio de compaixão para aquelle povo, que esperava de joelhos pela sua chegada, e beijou na fronte a criancinha, que lhe estava sorrindo quando fallava.

Al-Hakkan escreveu: De ora em diante o meu povo só ha de ajoelhar nas mesquitas.

— Credor do thesouro, disse em seguida ao barqueiro, que somma te devo?

— Não me atrevo a dizer-vos, que esta copla só poderia valer-me duzentas cincoenta e seis moedas de oiro.

— É esse mesmo o preço por que conto pagar-t'a — disse o califa.

Mansu encetou a decima copla com dobrado animo. Abu-Hanifé ia continuando a dormir.

X

A AVESINHA

Não. A felicidade não consiste em excitar a inveja.

Era um dia. Segundo o uso annual, estava-se publicando o recenseamento dos povos do soberano de Cordova, e o augmento das suas riquezas. — «Como é feliz, diziam, o que domina tantos homens, o que dispõe de tantos thesouros!

Que fazia Abderaman, o grande califa? — em quanto repetiam todos, illudindo-se a respeito da natureza dos verdadeiros bens: — Tem fortuna, tem poder, é feliz. Passava por um sitio afastado dos seus jardins de Zehra, onde uma ave de arribação viera fazer casa para a ninhada. O vento sacudira os ramos da arvore protectora, e entre os ovos partidos, um só fôra conservado como derradeira esperança da prolesinha destruida. Abderaman, que possuia nos seus immensos aviarios os habitantes do ar mais preciosos, teve compaixão da pobre mãe, que voejava em roda da arvore inquieta e desanimada. Apanhou o ovosinho que estava inteiro, e collocou-o docemente no berço de pennas e musgo, onde a avesinha acudiu logo a aquecer o cantor em embryão, sob as suas azas protectoras.

— Salval-o-ía? — perguntava Abderaman de si para si, inquietando-se pela existencia de uma avesinha, no meio de tantos negocios do seu imperio. Uma tarde que volvia ao ninho, um leve grito respondia ao reclamo da mãe. O califa sentiu-se feliz, o passarinho rompêra a fragil prisão. Vivia.

Houve na barca um momento de silencio, durante o qual Al-Hakkan escreveu: «De hora em diante cada uma das grandes cidades do nosso califado ha de possuir um logar de asylo denominado *o ninho da providencia*, onde as mães pobres poderão dar á luz os seus filhos. E depois de ter concluido, disse ao barqueiro, que lhe estava esperando as ordens: «Por esta copla ser-te-hão pagas quinhentas e doze moedas de oiro.»

— Se é essa a vossa conta, tambem é a minha, tornou-lhe Mansu, e proseguiu.

XI

A VELHA

Não. A felicidade não consiste no respeito imposto.

Era um dia. Proclamava-se um novo edicto, que, transformando em adoração religiosa o respeito devido ao soberano, ordenava, sob pena de morte, que se prostrassem na passagem do califa, como se fosse diante de Deus.

Que fazia Abderaman, o grande califa, em quanto o povo escutava, tremendo, o novo edicto annunciado ás povoações pela voz dos pregoeiros publicos?

Tinha parado diante de uma velha extenuada de fadiga, que dizia: — Se tivesse aqui o mais novo dos meus doze filhos, poderia continuar a andar; o seu braço sustentar-me-hia até ao fim da minha jornada.

— Boa velhinha, disse Abderaman, não sou o filho que desejas; mas, como elle, posso eu ser paciente e robusto, na falta d'elle acceita o meu braço, e caminharemos juntos.

A velha acceitou o soccorro estranho, e proseguiu o caminho de sua casa. Na extensa rua por onde seguia o califa, medindo o seu passo pelo da pobre velha, que andava a custo, não se encontravam arautos para bradarem ao povo: Curvae-vos, passagem ao califa! Mas em compensação todos paravam commovidos, para saudarem aquelle mancebo que honrava a velhice, e offerecia o espectaculo de um filho respeitoso e obediente, servindo de guia á sua velha mãe.

— Sabes que te devo mil e oitenta moedas de oiro, além das que ganhaste já, disse Al-Hakkan, apenas Mansu cessou de cantar.

— E eu devo-vos tres coplas ainda.

— É verdade; como porém ha muito que empunhas os remos, é justo que outro tome o teu logar.

— A pé, acrescentou elle, dirigindo-se a Abu-Hanifé, que dormia ainda ao lado do seu senhor. Toma o logar d'este barqueiro, e cede-lhe o teu. Poucas são as honras para o que me revela a felicidade de meu pae. O cortezão fez uma ligeira careta, mas teve que obedecer. E em quanto se dava a troca dos logares, o califa escrevia: «Instituir amparos para a velhice; rapazes escolhidos nos meus hospicios de orphãos velarão de noite e de dia na cidade, para servirem de guia aos velhos.

Mansu sentára-se ao lado de Al-Hakkan, e posto que a honra de tão illustre visinhança o intimidasse um pouco, continuou entretanto a trova.

XII

O VENCIDO

Não. A felicidade não consiste n'uma vida isenta de provas.

Era um dia. A mão de Deus tinha-se afastado dos verdadeiros crentes. Os soldados de Abderaman fugiam espavoridos diante do inimigo, ou morriam por um e outro lado de fadiga, ou dos ferimentos que tinham recebido. O proprio heroe, cheio de sangue e desarmado, tinha sido prisioneiro no combate. Que fazia Abderaman, o grande califa, em quanto dois soldados castelhanos, seus vencedores, deixando descançar os cavallos, conversavam sem desconfiança alguma na sua lingua materna, pois não viam mais do que um simples militar no valente pelejador que levavam preso? Deitado na relva os ouvia, e a sua grande alma alegrava-se no meio da derrota, com um prazer que não encontrava na victoria.

— Abderaman foi vencido por sua culpa, dizia um castelhano. Offereceram-lhe a venda dos segredos dos seus inimigos, e como resposta unica mandou enforcar o traidor.

— Sim, respondeu o outro, detesta a traição, como admira o valor n'aquelles mesmos que combatem contra elle.

— Isso é verdade, replicou o outro, viram-n'o mais de uma vez soccorrer os soldados christãos, caídos no campo da batalha.

— E n'um dia, acrescentou o segundo, ferido no combate por meu pae, mandou-o em liberdade sem resgate.

N'este momento os soldados dirigiram os olhos para Abderaman, e viram que o sangue lhe corria das feridas.

— «Em nome de Abderaman, disse-lhe um d'elles, estancar-te-hei o sangue; e rasgou parte do fato para lhe pensar a larga ferida.

— Em nome de Abderaman, retroquiu o outro, sê livre como meu pae foi livre, e tambem sem resgate.» Passou as rédeas do cavallo para as mãos do prisioneiro, e indicou-lhe o caminho que seguia para o campo dos moiros.

No dia seguinte Abderaman venceu. Teve um dia de gloria, e nada mais; na vespera, porém, tivera um dia feliz. Tinha podido avaliar até que ponto alcançára a estima dos seus inimigos.

Mansu fez uma duodecima pausa. Al-Hakkan agradeceu-lhe com a vista, e escreveu: «Os valentes vencidos serão de futuro postos em liberdade sem resgate.»

Como a noite ia refrescando, o califa cobriu com o seu manto os braços nus do cantor, em quanto este, depois de um calculo mental, dizia, quasi em voz baixa: Mais duas mil e quarenta e oito moedas de oiro.

— Exactamente, respondeu o califa; e além d'isso a protecção de teu senhor até ao ultimo dia da vida.

Mansu começou a decima terceira copla. Abu-Hanifé continuou remando.

XIII

O MEDICO

Não. A felicidade não consiste na obediencia dos homens.

Era um dia. Surdos rumores accusavam Mahadi, medico do palacio, de ter preparado um philtro mortal, que destinava para o seu senhor. Que fazia Abderaman, o grande califa, quando em torno d'elle zumbiam as vozes perfidas da denuncia, e que já se determinava a hora para o supplicio do sabio doutor?

Sósinho com Mahadi no fundo do seu pavilhão de Zehra, dizia-lhe: — Quero matar, sem que ninguem o saiba, um inimigo meu. Ordeno-te que prepares um veneno tão subtil, que se lhe não possam descobrir os vestigios depois da victima ter succumbido. Em seguida, mostrando-lhe uma mesa onde estava, de um lado oiro, diamantes e pedras preciosas; de outro açoites armados com pontas de ferro e espadas cheias de dentaduras, acrescentou: — Escolhe: ou estas riquezas em paga da tua obediencia, ou aquelles instrumentos de flagicio em paga da tua rebeldia.

Mahadi tomou o açoite armado com pontas de ferro e as espadas cheias de dentaduras, e exclamou:

— Que a minha carne seja rasgada, que os meus ossos sejam cortados com serras tintas pelo meu sangue; mas que a sciencia que Deus me concedeu para prolongar a vida dos homens não sirva para o assassinio. Resistindo-vos, senhor, poupo-vos aos remorsos; todavia, como desobedeço, determinae o meu supplicio.

— Ordeno que vivas para servires de modelo aos meus conselheiros, respondeu o califa, que considerou esse dia como feliz tambem, pois que no subdito rebelde reconheceu um amigo.

Al-Hakkan levantou-se.

— Senta-te ao lado de Mansu e dá-me esses remos, disse elle á Abu-Hanifé, quero remar tambem, para que se diga de futuro, que o filho do poeta Adjaïd passeou pelas aguas do Guadalquivir, guiando-lhe o barco um remador chamado Al-Hakkan, filho e successor de Abderaman, o grande califa.

Mansu queria evitar similhante honra.

— É a teu paê que eu presto homenagem na tua pessoa, replicou o soberano, sentando-se no banco do remeiro. E não te esqueças de que te devo mais quatro mil noventa e seis moedas de oiro.

— Não me esquecerei, respondeu Mansu, e tratou de cantar a decima quarta e ultima copla.

XIV

O ULTIMO ADEUS

Não. A felicidade não consiste n'uma larga existencia.

Era um dia. O califa, então ainda moço, tendo tido um grande enfraquecimento, quando andava na margem de um rio, caíra como morto proximo á cabana de um pescador, para onde os officiaes do palacio transportaram o corpo inanimado.

Que fazia Abderaman, o grande califa, em quanto a multidão invadia a cabana, e o summo sacerdote de pé, proximo ao leito, invocava o ceo em favor d'aquella grande alma, que parecia ter abandonado a terra? Privado de movimento e com as palpebras cerradas por mão de chumbo, ouvia ainda assim o ruido das fallas que lhe chegavam distinctas ao ouvido, e meigas ao coração.

Uma mãe aproximou-se com o filhinho e disse: — «Deus te salve, que eras o apoio das viuvas.» — Um joven, ajoelhando, acrescentou: — «Deus te salve, que foste o pae dos orphãos.» — Um velho soldado succedeu aó rapaz e murmurou: — «Deus te salve, que recompensavas o valor e honravas a velhice.»

D'esta sorte se expressou a multidão diante do soberano que julgava perdido para sempre, e successivamente lhe foi consagrando os epithetos de glorioso, virtuoso e bemfazejo. O movimento e a vida voltaram gradualmente. As palpebras do califa reabriram-se, e todas as vozes exclamaram: — Foi Deus que nos ouviu, não devia morrer tão cedo!

Feliz por aquelle sentimento, e orgulhoso com similhantes homenagens, Abderaman respondeu-lhes: — Não são dilatados dias de vida que completam a existencia; viveu bastante aquelle cuja morte é lastimada.

Al-Hakkan estava demasiadamente commovido para dirigir agradecimentos ao barqueiro; saltou fóra da barca, seguido por Abu-Hanifé, que acompanhou silencioso o califa até ao seu palacio de Zehra.

Em quanto a Mansu, esse amarrou a barca a um poste da praia, e recolheu para casa, calculando pelo caminho, que a contar com as oito mil quatro centas



Condoma ou antilope torticorne

e noventa e duas moedas de oiro da ultima copla, o passeio da noite tinha-lhe rendido dezeseis mil trezentas e oitenta e tres moedas de oiro.

— Bom foi o dia, disse, veremos ámanhã se tudo isto não passou de um sonho.

A historia não diz como Al-Hakkan recompensou o barqueiro, mas é de crer que o califa não fosse ingrato, porque passados muitos seculos, descobriu-se nas ruinas da cidade de Zehra o frontão de uma porta de palacio, maravilhosamente esculpida, onde se lia, em caracteres arabes, meio apagados pelo tempo:

ESTE É O PALACIO
DOS DESCENDENTES DE MANSU, FILHO DE ADJAID,
POETA QUERIDO DE ABDERAMAN,
O GRANDE CALIFA.

CONDOMA OU ANTILOPE TORTICORNE

Pertence esta especie á numerosa familia das antilopes, de que já démos ampla noticia. [1]

A condoma vive no interior da Cafraria, e é do tamanho de um boi pequeno, porém muito mais alto de pernas. Tem o pello côr de rato e curto. A cabeça é armada de duas pontas retorcidas, aquilhadas, um tanto rugosas, com alguma transparencia, e do comprimento de mais de um metro.

Ao longo do espinhaço tem uma lista branca, e outras similhantes nas ilhargas e coxas. A cauda tem uns 80 centimetros de comprido, é fusca por cima, branca por baixo, e negra na ponta.

A condoma vive em sociedade, como as outras antilopes e gazellas; mas só em familias de cinco ou seis. Salta como uma corça, atravessa a nado os rios estreitos, quando a perseguem, e é capaz de dar pulos que vençam a altura de 3 metros, como já tem visto muitos caçadores. Os machos são assás corajosos na lucta; porém as femeas muito medrosas.

Domesticam-se facilmente, e custam pouco a sustentar.

[1] A pag. 344, do IV vol.

COMO FIZERES TE FARÃO

É caso bem singular e lastimoso o que vou referir. Antigamente houve entre gentes barbaras o impiissimo costume dos filhos enterrarem vivos seus paes, quando estes por velhos e enfermos não podiam ganhar de comer! E refere um grave historiador, que fazendo jornada a mulher do conde Mansveldio, pela provincia Luneburgense, ouviu uma lastimosa voz, que d'entre a espessura de umas arvores gemia e pedia misericordia. Desejando saber a causa, mandou chegar para aquella parte a carroça, e viu um velhinho atado de pés e mãos, pedindo a outro homem que lhe perdoasse a vida; e este, sem fazer caso d'isso, lhe estava a toda a pressa abrindo uma cova.

— Que fazes, homem? — lhe perguntou a condessa. E elle, muito leve no caso, e como quem entendia que não fazia mal, lhe respondeu: Que queria enterrar a seu pae, porque era já de todo inutil.

Reprehendido de tão deshumana impiedade, acrescentou: Que não podia ganhar pão para seus filhos, que eram muitos, e mais para seu pae.

Então a condessa lhe deu algum dinheiro para sustentar-se o velho. Acceitou-o, mas com resalva de que o teria vivo em quanto o dinheiro não expirasse!

Note-se que descuidado estava então este homem, de que seus filhos ao diante o mediriam tambem pela mesma rasoira.

Padre Manuel Bernardes.